

## O CORPO EM CONFLITO

Arlete KOENEN\*

### UMA ETERNA IMPROVISACÃO

Se "o problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente", esta também é a situação do sujeito que povoa os mais recentes poemas de Carlos Drummond de Andrade.

Escolhendo estes versos como epígrafe aos seus poemas organizados sob o título de **Corpo**, o poeta nos transmite uma certeza nova de que a mudança opera em tudo, em nós também, uma eterna improvisação. Mas até que ponto podemos manter-nos em coerência com o nosso eu, frente às inevitáveis mudanças em um mundo sob o signo de permanente ameaça ao homem? Eis o conflito.

Conflito — nóduo temático que governa a organização do livro de Carlos Drummond de Andrade. Este conflito apreende as ações do homem em seu estar-sendo e sua relação com o espaço social.

O texto poético de Drummond se alicerça em duas partes diferentes e complementares: o pessoal e o social. São como dois volumes diferentes, um centrado no canibalismo amoroso; o outro, focalizando a devoração do homem pelo homem, em uma sociedade capitalista onde predominam violentos contrastes entre as *diversas camadas sociais*.

A união entre estes dois espaços se dá através de imagens organizadas em torno do corpo humano. Em recente entrevista, o poeta fala de seu livro: "Trato do amor, daquilo que se realiza através do corpo".<sup>1</sup> E diz ainda o próprio Drummond:

"— A idéia do corpo pode ser considerada como a reunião de todas as virtualidades do ser humano, não

são físicas, como espirituais e morais. Evidentemente, meu **Corpo** não é um tratado de filosofia nem de religião. Mas procurei destacar certos aspectos do corpo como motivo de poesia, principalmente o da mulher, porque para mim o sexo é uma das riquezas do próprio corpo."<sup>2</sup>

Mas o que significa a imagem despedaçada de Dionísio? A poesia drummondiana, imbuída de protesto, põe em relevo o homem buscando reunir os fragmentos da imagem individual, pressionado por uma participação que lhe é reservada pela sociedade.

Vítima e intérprete de uma realidade social — este indivíduo manifesta-se como desmistificador das estruturas sócio-culturais em desagregação e responsáveis pela mutilação do ser total. Assim, sob a expressão individualizada do conflito íntimo, desvelam-se as imagens de uma sociedade fragmentada.

Essa temática do sujeito dividido, mutilado, incapaz de encontrar sua própria identidade, pode ser vista como uma variação do mito da busca: "Como decifrar pictogramas de há dez mil anos se nem sei decifrar minha escrita interior?" (p.29) Mýthos que denuncia o ser humano desviado de suas autênticas possibilidades, de seus verdadeiros desejos e condensando em si mesmo as contradições do mundo contemporâneo.

E como explicar essa busca da identidade — tensão que os poemas de Drummond representam — sem recorrer à psicanálise? A psicanálise, pois, mais do que uma ciência, é a arte de decifrar uma verdade em todos os aspectos enigmáticos da experiência humana, tal como o homem a vive. E em processo inaugurado por Freud, a literatura torna-se fonte de conhecimento para o psicanalista, porque é também através da literatura que o homem encontra a forma adequada para traduzir as tensões entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo.

A psicanálise, como instrumento de leitura do texto literário, é gesto que desvenda as pulsões e o desejo do Autor — literatura e psicanálise lêem o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto em sua trajetória histórica.

Deste modo, "ler com os olhos de Freud, é ler numa obra — como atividade de um ser humano e como resultado desta atividade — aquilo que ela diz sem o revelar, porque o ignora; ler o que ela cala através do que mostra e porque o mostra por este discurso mais do que por outro. Nada é gratuito, tudo é significativo; e o que acena para Freud, são os produtos do inconsciente. O texto é, sem o saber nem querer, um criptograma que pode e deve ser decifrado, sobretudo no sentido da psicanálise ajudar a leitura a revelar uma verdade do discurso literário e dotar este setor da estética de uma dimensão nova, a fazer ouvir uma fala diferente de maneira que a literatura não nos fale somente dos outros, mas do outro em nós."<sup>3</sup>

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> DRUMMOND, O POETA DO AMOR. Entrevista a Gilson Rebello. Jornal **O Estado de São Paulo**. Sábado, 15/09/84, folha 3.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>3</sup> BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo, Cultrix, 1983. p.20.

#### A LINGUAGEM FÉRTIL DO CORPO

##### 1 - A busca da unidade

Os poemas que compõem a primeira parte do livro de Drummond situam-se no âmbito do conflito individual e buscam representar uma certa intimidade do ser — seus pensamentos, sensações, desejos e amarguras, expostos à luz sem o pudor da discrição da linguagem poética.

E a temática aqui explorada, incidindo o tempo todo nos motivos da carência afetiva, da frustração e da personalidade dividida, vai ser captada e espelhada nas imagens da fragmentação do corpo humano — espaço gerador de imagens do livro.

Assim, é o tema que permite a reunião dos poemas, a despeito da variedade de técnica e até de tons. É o tema também que vai influenciar de maneira profunda o dizer poético. Percebe-se isso, principalmente, na estrutura das imagens que, organizadas em torno de uma imagem-núcleo ganham fisionomias diversas, apesar de constituírem um conjunto peculiar de significar o mundo.

A leitura de alguns destes poemas realiza a busca e desvendamento da unidade entre eles.

## 2 - A afirmação do corpo

"Contradições do Corpo" é o poema de abertura do livro de Drummond. Este poema tematiza a crise do ser à procura de sua própria identidade — caráter conflitivo já assinalado pelo seu título.

A primeira estrofe já direciona o poema. Instaure nela a ruptura do equilíbrio, o conflito que se manifesta por meio de uma tensão:

Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.  
Sabe a arte de esconder-me  
e é de tal modo sagaz  
que a mim de mim ele oculta.

O que se vê aqui é a disputa dos desejos: é o enfrentamento entre corpo e espírito, produzindo um jogo entre Eu x ele / Eu x outro:

Meu corpo, não meu agente,  
meu envelope selado,  
meu revólver de assustar,  
tornou-se meu carcereiro,  
me sabe mais que me sei.

Ao traduzir o tumulto interior, a linguagem do poema ganha dupla significação e se instala na ambiguidade e, por isso mesmo,

se organiza em dois pólos: a afirmação do corpo e a negação do espírito:

- |                        |                                  |
|------------------------|----------------------------------|
| - sagaz                | - não sou mais quem dantes era   |
| - rapace               | - premido por seu pulso          |
| - revólver de assustar | - ele não me ouviu               |
| - envelope selado      | - meu mutismo                    |
| - carcereiro           | - saio em busca do que não quero |
| - me sabe mais         | - convertido em cão servil       |
| - ataca, fere, ordena  | - não sou eu que vou senti-lo    |
| - senhor do meu eu     |                                  |

e assim se desdobra em afirmações incisivas denunciando uma realidade dilacerada — um diálogo entre a consciência do poeta e seu próprio inconsciente. Entretanto, a significação das imagens de que se vale o poeta é clara — tal é a força sexual que se encontra na origem das imagens: "o meu revólver de assustar", "prazer maléfico", "carne poluída".

No poema, a impressão mais forte é a do corpo — o "outro". Neste sentido, é de grande significado a metáfora do "comer" que aqui aparece: além de manter uma conotação erótica, ao representar metonimicamente a boca, remete ao símbolo da castração ao atualizar a imagem da **vagina dentada**:

Meu prazer mais refinado,  
não sou eu quem vai senti-lo.  
É ele, por mim rapace,  
e dá mastigados restos  
à minha fome absoluta.

O corpo, em sua atitude de desafio, encarna a própria libido que a consciência tenta dominar. Eros, entretanto, continua a atuar como força subjacente que o poeta mantém represada no fundo de si mesmo como um fluxo do inconsciente que teme liberar:

Quero romper com meu corpo,  
quero enfrentá-lo, acusá-lo,

por abolir minha essência,  
mas ele sequer me escuta  
e vai pelo rumo oposto (p.9).

E, dessa maneira, ao desejo incisivo e vibrante, mistura-se uma boa dose de agressividade. O "outro", dominado pelo fascínio erótico, exerce sobre o "eu" a sua tirania. Misturam-se, nesse caso, sedução e violência: na imagem "pulso de inquebrantável rigor", percebe-se o "pulso" como metonímia do "eu", mas também metáfora de significação fálica — o braço, o qual impõe-se como expressão de poder.

A relação sexual — fusão amorosa, integração no "outro" — configura-se em prática sacrificial — o "eu" transforma-se em "cão servil", e o falo — possibilidade de prazer — transforma-se em dominação erótica — o pulso tirano e castrador:

Já premido por seu pulso  
de inquebrantável rigor,  
não sou mais quem dantes era:  
com volúpia dirigida,  
saio a bailar com meu corpo (p.9).

A violência se metamorfoseia na alegria que a dança oferece — mas a dança, com as mesmas características do fogo, rompe a repressão e faz brotar os impulsos irrefreados, sugerindo o jogo dialético entre o inconsciente que comanda e o "eu" consciente que se submete. E o corpo se alça, assim, à categoria de símbolo do próprio ser humano, dividido intimamente, em luta de contrários que mutuamente se agriem.

E este Orfeu dividido corresponde ao mundo desintegrado. A desintegração não é um estado, é um processo que desencadeia outro processo: a procura da unidade perdida e o poema torna-se a busca da unidade que se perdeu.

A ambivalência constitui o ponto de partida para "Metafísica do corpo". Este corpo que se mostra escondendo-se, parece revelar uma lembrança erótica de determinada mulher, experiência vivida mais em sonho do que em realidade:

A alma do corpo  
modula em cada fragmento sua música  
de esferas e de essências (p.11).

Em cada silêncio do corpo identifica-se  
.....  
a solene marca dos deuses  
e do sonho (p.11).

Jogando com os opostos Eu/Não Eu o poema representa figuradamente uma inquietação interna, que desde o título percebe-se estar relacionada com a palavra "corpo". E a imagem central do poema, concentrada na ambigüidade desta palavra, polariza os significados matéria/espírito.

Este corpo integrado em dois espaços: o "alto" e o "baixo", ou ainda, ao espaço do místico e do erótico — "êxtase e tremor" —, ganha uma dimensão ontológica, mítica. Não se trata de um corpo comum, mas de um corpo metafórico, primordial.

Entre folhas supreende-se  
na última ninfa  
o que na mulher ainda é ramo e orvalho  
e, mais que natureza, pensamento  
da unidade inicial do mundo:  
mulher planta brisa mar,  
o ser telúrico, espontâneo,  
como se um galho fosse da infinita  
árvore que condensa  
o mel, o sol, o sal, o sopro acre da vida (p.12).

e ante o "olhar" do poeta, este corpo-caos surge propício à gênese:

De êxtase e tremor banha-se a vista  
ante a luminosa nãdega opalescente,  
a coxa, o sacro ventre, prometido  
ao ofício de existir, e tudo mais que o corpo

resume de outra vida, mais florente,  
em que todos fomos terra, seiva e amor (p.12).

Mas ao deslumbramento dos sentidos, segue-se a frustração motivada pela não plenitude "que o corpo resume de outra vida mais florente" (p.12). E neste sentido, o poema pode ser visto como a não realização do desejo do sujeito na procura de sua identidade.

Em "O Minuto Depois" prossegue o conflito entre corpo e espírito já verificado nos poemas anteriores. Aqui também a ambivalência constitui o ponto de partida do poema: a palavra "nudez" potencializando presença/ausência atualiza dois espaços: o "alto" e o "baixo" — "corpo" e "alma":

Nudez, último véu da alma  
que ainda assim prossegue absconsa (p.13).

E entre estes dois espaços há um obstáculo — o véu —, por trás do qual a alma se esconde "da divinizante matéria". E assim; para que se realize "o íntimo contato", "o casamento floral" há um rito de passagem a ser cumprido: o despír da alma pelo corpo, no entanto, tal travessia não se realiza:

A linguagem fértil do corpo  
não a detecta nem decifra (p.13).

E na incapacidade de encontrar a unidade triunfante o ser sofre, e sofrendo, se divide mutilado. E neste sentido pode-se afirmar que o poema tematiza a crise do ser à procura de sua própria identidade. A crise é a "passagem" do sujeito pela mutilação, em busca de uma afirmação negada.

A sensualidade explode em "Pintor de Mulher". A partir do jogo de oposições entre eu/outro — "este pintor" e "o corpo feminino" — temos diante de nós um quadro onde os devaneios da intimidade imperam.

É um devaneio dominado pelo seu aspecto involutivo e motivado pela descrição simbólica de um ato sexual. Estabelece-se, portan-

to, o conflito — existe um espaço ideal que é retratado por palavras e existe um outro, o real. Há um lado de "dentro" e um lado de "fora".

Assim, do espaço real, o pintor pode observar a tela imaginária onde ele desenha o corpo feminino e projeta a cena do ato sexual. Os primeiros versos contêm a aproximação e o crescimento do desejo: "Este pintor/sabe o corpo feminino e seus possíveis", e "sabe a melodia do corpo em variações entrecruzadas". O poema, em sua estruturação dinâmica, obedece à técnica da montagem cinematográfica como se, o poeta após haver procedido a numerosas tomadas da mulher, focalizando-a de diferentes ângulos e sob diversas gradações de luz, montasse o texto poético, como uma tomada em que o fotógrafo detém por um momento a imagem para melhor fruir os seus detalhes: "Lê o código do corpo, de A ao infinito dos signos" —, até causar um especial impacto com o flagrante de sua hipotética realização: "das curvas que dão vontade de morrer de tanto orgasmo e beleza".

E assim, no nível do onírico, o sujeito realiza o seu desejo — há o renascimento do herói, cujo corpo despedaçado se recompõe na conquista do orgasmo, efusão intensa que polariza o erótico e o místico; o alto e o baixo, espírito e corpo.

O orgasmo é visto ainda como morte, e a morte — cessação de tensões — é desejada pelo corpo que, consumindo-se em chamas, aspira pelo esquecimento de si mesmo, pois somente pelo esquecimento o poeta pode mergulhar em um estado inconsciente e entregar-se ao poder des-velador do Ser.

Mas esta plenitude permanecendo apenas no nível do desejo — gera a angústia, a divisão do sujeito. E a busca do eu no outro revela-se em ausência e transforma-se em frustração.

"Canção de Itabira" pode ser visto como uma variação do tema da busca. Na verdade, o poema concretiza no processo involutivo a busca de um tempo primordial. E nesse processo involutivo, o poeta-narciso olha-se atentamente para lembrar-se de uma imagem anterior a ele mesmo que seria a sua própria imagem:

Mesmo a essa altura do tempo,  
um tempo que já se estira,

continua em mim ressoando  
uma canção de Itabira (p.71).

Deste modo, a busca atinge o ponto mais profundo, tocando a  
ânima e o próprio interior do ser. A investigação progride para  
o local de repouso, onde o ser possa se recompor para o renasci-  
mento, imóvel e apaziguado: é a viagem ao seio da mãe:

Ouvi-a na voz materna  
que de noite me embalava,  
ecoando ainda no sono,  
sem que faltasse uma oitava (p.71).

Nesta procura da imagem primordial de um outro corpo, um  
corpo esquecido, mais antigo, surge o homem integrado à natureza  
— Itabira. Paisagem e Narciso encadeiam-se naturalmente, ambos  
derivando dessa procura das origens do ser que é procura de uma  
unidade invisível. Sendo Itabira mundo e o homem canto, o poema  
se insere no processo cosmogônico. O canto cria o mundo, o mundo  
cria o canto:

No bambuzal bem no extremo  
da casa de minha infância,  
parecia que o som vinha  
da mais distante distância.

No sino maior da igreja,  
a dez passos do sobrado,  
a infiltrada melodia  
emoldurava o passado.

Por entre as pedras da Penha,  
os lábios das lavadeiras  
o mesmo verso entoavam  
ao longo da tarde inteira.

Pelos caminhos em torno  
da cidade, a qualquer hora,

ciciava cada coqueiro  
essa música de outrora.

Subindo ao alto da serra  
(serra que hoje é lembrança),  
na ventania chegava-me  
essa canção de bonança.

Canção que este nome encerra  
e em volta do nome gira.  
Mesmo o silêncio a repete,  
doce canção de Itabira (p.72).

e nesta volúpia de sons, nesta orgia telúrica, os signos todos apontam para a epifania, para a comunhão na totalidade.

Esta recordação mergulhada na imagem do distanciamento lento da lembrança é a fenda entre o presente vivido e a origem sonhada. E essa ambivalência do "eu" conduz à personalidade desintegrada, à perda da identidade. Repete-se, embora em outros nível, o problema da mutilação, do sofrimento vivido de modo obsessivo. Aqui, o renascimento não é a conquista de uma nova identidade, mas sim o reconhecimento da crise da identidade. O poema é a elucidação da frustração.

### 3 - O desconhecido que me habita

A leitura dos poemas torna manifesto um universo imaginário radicado no problema da identidade, que vai desde à procura do outro e, por seu intermédio, o encontro de si mesmo, até a dilaceração, fragmentação e multiplicidade da personalidade, o regresso ao seio materno e às figuras do repouso, da imobilidade e da intimidade.

A variedade e a riqueza expressiva das imagens formam uma rede temática, uma constelação de imagens que traduzem a mesma tensão básica, na medida em que contribui para que o ser estabeleça contato com seus valores mais profundos — é o gesto que

aponta para dentro como guia e mediador entre o homem e sua intimidade.

A leitura mostrou que a imagem do "corpo" surge como o lugar simbólico onde o conflito se origina e a busca infrutífera finaliza. Nesta busca, o sujeito deseja integrar-se no outro, o que provoca o seu desaparecimento como indivíduo:

Eu te amo porque não amo  
bastante ou demais a mim (p.36).

## JÁ NÃO ME CONVÉM O TÍTULO DE HOMEM

### 1 - A ausência é um estar em mim

De que maneira Drummond funde as inquietações e as dores do ser humano — seu despedaçamento — à utopia de uma sociedade, onde a vida lhe é consentida e as expectativas não se frustam?

Nestes poemas, o problema da identidade pessoal deve ser compreendido como uma reflexão do indivíduo sobre si mesmo em face das incertezas diante de um mundo caótico — assim, os temas da solidão, da personalidade dividida e fragmentada, são derivativas das tensões sociais introjetadas pelo sujeito.

O poema "Maternidade" pode ser visto como a atualização do mito da mãe castrada-castradora, isto é, o medo da castração — amputada não somente na mulher, mas também pela mulher — castradora eventual em virtude da vagina dentada.

Trata-se aqui não da tendência de associar a natureza feminina à demoníaca, mas a uma razão social — a mulher, através da luta feminina politizada, adquiriu independência — e para muitas a procura da sabedoria, da conquista do intelecto se contrapõe ao amor:

Seu desejo não era desejo  
corporal.

Era desejo de ter filho,  
de sentir, de saber que tinha filho,  
um sô filho que fosse, mas um filho.

Procurou, procurou pai para seu filho.  
Ninguém se interessava por ser pai.  
O filho desejado, concebido  
longo tempo na mente, e era tão lindo,  
nasceu do acaso, o pai era o acaso (p.21).

Val haver, desse modo, uma divisão básica, a tensão de duas dimensões em conflito — e o homem, neste caso, representa o masculino do ponto de vista de uma função, existindo também como uma polaridade da mulher:

O acaso nem é pai, isso que importa?  
O filho, obra materna,  
é sua criação, de mais ninguém.  
Mas lhe falta um detalhe,  
o detalhe do pai.

E esta anulação é automutilação — uma parte do "eu" é amputada. E como consequência, sua "obra materna" também será mutilada:

Então ela é mãe e pai de seu garoto,  
a quem por acaso,  
falta um lobo de orelha, a orelha esquerda.

Assim, o poema mostra a nível do social, a persistência de uma divisão básica, uma tensão de duas dimensões em conflito, revelando a incapacidade da mulher lidar com a própria ambivalência e que a faz viver dolorosamente com uma constatação que a marginaliza e a mutila.

## 2 - Nenhuma irmandade

Em três dos poemas que organizam a segunda parte do livro de

Drummond, nota-se a presença do verbo metonímico que se situa no mesmo simbolismo oral do "desejo de beber" que aparece no "sonho de Philippe", como metáfora da libido sexual reprimida. Trata-se da metonímia psicanalítica do "desejo de comer".

No primeiro deles, "O céu livre da fazenda", instaura-se o jogo do presente e do ausente — as contradições do presente provocam o retorno às origens. O sujeito dividido é o limite entre a ausência e a presença. Como ausência, ele é o habitante da "ilha de vida", do "pequeno paraíso vegetal ou resto de paraíso", "do simples refúgio", da antiga "Jaguara voluptuosa" (p.69). Como presença, ele é participante da vida que "se nega a si mesma na exacerbação das técnicas de lucro". Na presença, surge a nostalgia da unidade perdida e a essência do mundo busca-se além da desintegração — na utópica "Pasárgada".

E neste espaço do "lá" e do "aqui" — local em que se movimentam "o homem do asfalto" e o "homem que parou de depredar" — instaura-se a ambigüidade da devoração: através de um jogo de palavras atualiza-se não só a extrema erotização da boca e do ato de comer, como também o ato sexual:

Ou não repares nada. Tenho medo  
de convidar-te a ver o livre espaço  
da Jaguara, e teu instinto predatório  
novamente açular-se, tua fome  
de frequentador de restaurante cinco-estrelas  
cobiçar a carne tenra e não sabida  
que neste lugar-refúgio se compraz  
em ter forma voante e livre-azul (p.68).

Assim, a crítica ao social realiza-se na metáfora do que não se pode dizer e todo o dito realiza-se na superfície do não dito.

Em "Combate", as imagens radicam-se num conflito interno profundo, num drama pessoal de indivíduo dilacerado por uma luta íntima:

Nem eu posso com Deus nem pode ele comigo.  
Essa peleja é vã, essa luta no escuro

entre mim e seu nome.  
Não me persegue Deus no dia claro.  
Arma à noite, emboscadas.  
Enredo-me, debato-me, invertivo  
e me liberto, escalavrado.  
De manhã, à hora do café, sou eu quem desafia.  
Volta-me as costas, sequer me escuta,  
e o dia não é creditado a nenhum dos contendores.  
Deus golpeia à traição.  
Também uso para com ele táticas covardes.  
E o vencedor (se vencidos houve) não sentirá prazer  
pela vitória equívoca (p.59).

O poema articula-se em um sistema onde o poder religioso e o erótico se exercitam na forma de repressor-reprimido.

Os elementos sociais aí são muitos — as tensões sexuais parece ser aqui a forma adequada que o poeta encontrou para traduzir os conflitos entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo — entre o "eu" e o "outro".

Assim, o verso "De manhã, à hora do café, sou eu quem desafia" — configura-se em gesto erótico que articula dialeticamente a reconquista de sua liberdade e a hostilidade contra Deus, primordial autoridade paterna e castradora do desejo, em quem o falô projeta sua agressividade. Seu corpo condensa em si mesmo a rebeldia e as contradições do mundo moderno e da história em que vive.

Em "Banquete", estância pertencente ao longo poema "Favelário Nacional", Drummond parte de uma posição eminentemente irônica, a começar pelo título, e retrata mais uma vez o homem como uma constante vítima da sociedade em que vive:

### 13. BANQUETE

Dia sim dia não, o caminhão  
despeja 800 quilos de galinha podre,  
restos de frigorífico,  
no pátio do Matruco,

bem na cara do Morro da Caixa d'Água  
e do Morro do Tufuti.  
O azul das aves é mais sombrio  
que o azul do céu, mas sempre azul  
conversível em comida.  
Baixam favelados deslumbrados,  
cevam-se no monturo.  
Que morador resiste  
à sensualidade de comer galinha azul?(p.119)

Este poema pode ser considerado uma variação do mito da procura que relativiza em seu interior os opostos "alto" e "baixo". O sujeito encontra-se cindido entre os dois pólos. Como alto, ele é o narciso aéreo que se mira no céu azul, buscando a liberdade inimaginável que só pode haver num mundo sem os conflitos da matéria. Como baixo, ele não resiste ao "sempre azul conversível em comida", ele não "resiste à sensualidade de comer galinha azul". E na confluência do espaço místico e do erótico — "deslumbramento x cevam-se" — condensa-se a ambigüidade da carência que se efetiva no ato "de comer". Ao ingerir a "galinha azul", o desejo não se realiza, há frustração.

E o poema nos revela uma dimensão social inegável: é o questionamento da realidade brasileira que, no exercício do ritual antropofágico, denuncia o luxo e a miséria coexistindo lado a lado.

### 3 - Reconstituo meus disfarces

Estamos na vigência do mundo desintegrado. A tentativa de recompor os signos dispersos pelo corpo do poema deveriam ao final configurar uma totalidade, deveriam transformar um desejo fragmentado em uma estrutura unificada. Mas os poemas refletem a fragmentação do mundo, e eles permanecerão soltos, sem nunca encontrar sua unidade: "Minha canção de alinhavo resolve-se entre cirros" (p.105).

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. Rio de Janeiro, Record, 1984.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, Tijuca, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. **L'Air et les songes**. Corti, Paris, 1943.
- BATAILLE, Georges. **L'érotisme**. Paris, Minuit, 1957.
- BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo, Cultrix, 1983.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**. 2 vol. Madri, Ed. Biblioteca Nueva, 1948.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização, uma crítica filosófica ao pensamento de Freud**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Carlos Drummond de Andrade: análise da obra**. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- \_\_\_\_\_. **O canibalismo amoroso**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

---

\*Professora de Literatura Brasileira da UFSC.  
Cursando doutorado na PUC/RJ.

---

### TATIANA SLAMA-CAZACU, ANALISI CONTESTUALE-DINAMICA DEL TESTO LETTERARIO, Bari: Adriatica, 1984. 244p.

Slama-Cazacu nos brinda nesta obra com mais um exemplo de seu labor coerente, aliando a teoria à prática, no movimento pendular que caracterize sua produção científica. Desta vez, originalmente, aplica a teoria e o método da análise dinâmico-contextual a três textos literários: **Oul dogmatic** (O ovo dogmático) de Ion Barbu<sup>1</sup>; **Les aveugles** (Os cegos) de C. Baudelaire<sup>2</sup> e excertos de **Il nome della rosa** (O nome da rosa) de U. Eco<sup>3</sup> e consegue conciliar a autonomia do emissor no planejamento e